



FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: SENTIDOS

Adenaide Amorim Lima ¹
Jasson da Silva Martins ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender quais são os sentidos atribuídos à Filosofia pelas estudantes do Ensino Médio. Trata-se de um estudo qualitativo na perspectiva da análise dialógica do discurso em Mikhail Bakhtin. Os discursos a serem analisados foram construídos a partir de um questionário semiestruturado, realizada com estudantes do curso Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal da Bahia (IFBA). O contexto para o surgimento desse estudo foi a nossa experiência, na condição de bolsistas, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e de estudantes de graduação em filosofia. Acreditamos que compreender os sentidos em relação à Filosofia é relevante para confrontarmos com o modo como as estudantes se relacionam com a disciplina na sala de aula. Entendemos que os sentidos são sempre uma tomada de posição valorada, ideológica, realizada por sujeitos singulares e ao mesmo tempo sociais em um determinado contexto. São justamente essas relações dialógicas no interior e no exterior dos discursos, que se caracterizam como objeto de estudo da metalinguagem bakhtiniana, fenômenos que transformam o homem biológico em ser social, histórico e cultural. Para o filósofo em questão, o dialogismo só é possível na relação entre os homens, onde o eu existe somente porque existe o outro e é somente na relação com o outro que eu me revelo, sempre me constituindo dialogicamente por meio da linguagem e dos seus sentidos, sentidos ideológicos impregnado nas palavras que são enunciadas em um contexto específico.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Ensino Médio; Filosofia; Sentidos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender quais são os sentidos atribuídos à Filosofia pelas estudantes do Ensino Médio. O contexto para o surgimento deste estudo foi a nossa experiência junto uma escola pública, na condição de estudantes de filosofia e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) onde realizamos observações de maio a agosto de 2019, sempre uma vez por semana.

Trata-se de um estudo qualitativo na perspectiva da análise dialógica do discurso em Mikhail Bakhtin (2011). Para este autor, qualquer tentativa de produção de conhecimento teórico, inevitavelmente tem como ponto de partida o mundo cotidiano, onde a verdade é

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Pedagoga, Mestre em Educação, adenaideamorim@gmail.com;

² Professor orientador: Doutorando em Filosofia, Universidade Federal da Bahia - UFBA, jassonfilos@gmail.com.



sempre mutável e aberta. Nesse sentido que na perspectiva fenomenológica bakhtiniana a compreensão e análise das práticas discursivas dos sujeitos não se esgotam no presente, elas serão sempre passíveis de novas análises e novas compressões pelo fato dos sentidos serem sempre abertos, mutáveis e inesgotáveis.

Os discursos analisados neste trabalho foram construídos a partir de um questionário semiestruturado realizado com sete estudantes do 3º ano do curso Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Esse questionário continha onze questões abertas relacionadas à Filosofia e ao seu ensino. Preparamos as questões de modo a fazer com que cada estudante pudesse externar, a partir de sua visão de mundo, toda a sua valoração em relação à Filosofia.

Acreditamos que compreender os sentidos em relação à Filosofia é relevante para confrontarmos com o modo como as estudantes se relacionam com a disciplina em sala de aula e o lugar que ela ocupa no currículo oficial. Entendemos que os sentidos são sempre uma tomada de posição valorada, ideológica, realizada por sujeitos singulares e ao mesmo tempo sociais em um determinado contexto. São justamente essas relações dialógicas no interior e no exterior dos discursos que se caracteriza como objeto de estudo da metalinguagem bakhtiniana, fenômeno que transformam o homem biológico em ser social, histórico e cultural. Para Bakhtin (2011) o dialogismo só é possível na relação entre os homens, onde o eu existe somente porque existe o outro e é somente na relação com o outro que eu me revelo, sempre me constituindo dialogicamente por meio da linguagem e dos seus sentidos.

METODOLOGIA

As estudantes, sujeitos de nossa pesquisa, têm entre dezesseis e dezessete anos que aqui denominamos de Joana, Liz, Ana, Beatriz, Júlia, Laura e Manu, são nomes fictícios para preservar os seus anonimatos. Assim como todos os estudantes do IFBA, elas também ingressaram por meio de uma seleção, essa peneira faz com que sejam selecionados os melhores estudantes e eliminado do IFBA parte dos problemas enfrentados por outras escolas públicas que ofertam o ensino médio como indisciplina, estudantes descompromissados, desmotivados, com baixo desempenho etc. Na turma observada, por exemplo, todas as estudantes que ali estão demonstram ter clareza quanto ao seu propósito com seus estudos e se dedicam muito. Apesar de ser um curso técnico todas almejam o ensino superior

Ao fazer uma análise das desigualdades educacionais entre as escolas públicas brasileiras Zacchi e Ney (2017) entendem que



Parte substancial dos jovens que optam por cursar o ensino médio em escolas que oferecem o ensino técnico integrado ao ensino médio (IFETs, CEFETs), concebido como uma preparação rápida para o mercado de trabalho, tem como objetivo o prosseguimento dos estudos no ensino superior. Nos segmentos populares, o acesso dos jovens às escolas que oferecem ensino médio integrado ao ensino técnico é considerado uma oportunidade de preparação para ingresso no mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio. Nas famílias mais abastadas, o interesse pelas escolas de nível médio federais não está imediatamente relacionado ao interesse pelo ingresso no mercado de trabalho pós-ensino médio, mas sim ao aproveitamento de boas condições de infraestrutura e de capital humano presentes nas instituições federais (p. 102).

Para o autor Mont'Alvão (2015) essa desigualdade de acesso aumenta ainda mais o processo de estratificação ao dar ênfase as desigualdades socioeconômicas, marcando o caminho de quem entra e de quem fica fora destas instituições a partir de suas origens socioeconômicas, ainda que exista o processo de ingresso por cotas.

E quanto maior o prestígio de uma instituição, maior o peso das origens sociais na determinação de quem terá acesso a ela. Esse processo diferencia as oportunidades educacionais e, conseqüentemente, ocupacionais das diferentes classes sociais ao longo do curso de vida (MONT'ALVÃO, 2015, p. 131).

A partir destas análises prévias e das observações em sala de aula partimos do pressuposto, em uma perspectiva bourdieusiana, que estas estudantes possuem um capital cultural e econômico privilegiados em relação aos demais estudantes de outras escolas públicas, e os seus sentidos em relação à Filosofia parte, inevitavelmente, dessa visão de mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste momento damos início à análise das respostas do questionário partindo da seguinte questão: “O que você compreende por Filosofia?” das sete, seis estudantes deram respostas bastantes homogenias no sentido de relacionar a Filosofia ao estudo e a reflexão sobre o homem, a sociedade, sobre suas relações com o mundo e com ele próprio. Apesar de bastante ampla, a concepção de Filosofia por parte destas estudantes está bastante ligada à vida concreta, ao cotidiano.



Elas entendem a Filosofia como parte necessária do mundo em que vivem e conseguem identificar o lugar da Filosofia nesse mundo. Somente Joana entende a Filosofia como uma disciplina que faz parte do currículo escolar, mas mesmo assim para ela a Filosofia é “uma matéria necessária para o conhecimento, de suma importância para a vida”.

Identificamos que os sentidos em relação à Filosofia revelam uma articulação com a vida concreta ou modos de ler o mundo, mas não revela de imediato uma utilidade prática para a Filosofia, o que é bastante positivo, pois conforme Gallo (2007) uma das justificativas para a inserção da Filosofia no currículo do ensino médio a partir da década de 1990 foi justamente de que ela seria necessária ao exercício da cidadania, a filosofia como instrumento para um fim. Segundo este autor, “a filosofia resiste a ser tutelada, a ser instrumentalizada. Pelo menos desde Aristóteles a filosofia se caracteriza como um fim em si mesma” (p. 20).

O que seria bastante positivo, conforme Gallo (2007) era que as respostas destas estudantes se desenvolvessem a partir “da ‘experiência’ filosófica como prática do pensamento” (GALLO, 2007, p. 17). No entanto, levando em consideração a homogeneidade dos sentidos e o pouco envolvimento que a maioria revelou não ter com a filosofia levantamos uma hipótese: Estes sentidos estão relacionados com a metodologia da professora que traz questões atuais para serem trabalhadas na sala de aula uma vez que ela se utiliza do método denominado “tematismo”.

Sobre o método de dar aulas por temas Almeida (2017) descreve que o tematismo não parte da questão do texto em si, mas de temas filosóficos e não propõe uma abordagem historicista. Dessa maneira, o professor escolherá os temas de acordo com os interesses dos estudantes, e o conteúdo poderá ser pautado a partir da realidade contemporânea, cultural ou social onde educador e os educandos estão inseridos. Este método propõe o contato dos educandos com o tema, incentivando a “atitude filosófica” através do incentivo à inquirição, problematização dos temas, pesquisa e conceitualização.

Para compreendermos a origem destes sentidos analisamos as repostas das seguintes questões: “Como são as aulas de Filosofia na sua turma?” e “Você já leu o livro didático de Filosofia, o que você achou?”.

Em relação a esta primeira pergunta obtivemos as seguintes respostas: Manu responde dizendo que gosta de estudar filosofia, porém, detesta “ser obrigada a falar [na aula] para ganhar nota, acho desnecessário”, ela diz que fala para ganhar nota, “mas tem gente que não é de falar e fica sem nota, ACHO ERRADO” (grifos da Manu). Mas Manu diz gostar quando a professora divide o trabalho em grupos, isso faz com que ela entenda melhor os assuntos.



Mas essa metodologia de trabalho em grupo é criticada por Laura, segundo ela a sua pior aula foi justamente em uma apresentação em grupo, “foi quando alguns colegas apresentaram um seminário de forma imparcial e desrespeitosa”. No geral, Laura acha que as aulas são produtivas, geram debates úteis, mas gostaria que nas aulas de filosofia “tivesse mais parte teórica, que falássemos mais sobre os filósofos clássicos, fazendo um comparativo com os novos”.

Beatriz descreve as aulas de filosofia como “expositivas e lúdicas”, mas também entende de deveria haver mais abordagem “teórica, principalmente voltada para a perspectiva do Enem e vestibulares”.

A resposta de Ana converge com a de Beatriz, ela descreve as aulas de filosofia como “bem didática”, mas gostaria que as aulas tivessem “mais resoluções de questões de vestibulares”.

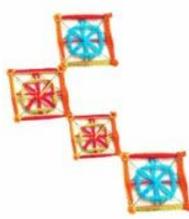
Em consonância com Manu, Joana revela que gosta “das aulas onde há apresentação de seminários, ultimamente só tem sido assim. Mas [...] [as] melhores aulas são as [...] que iniciando um assunto [...] não tem uma obrigação de participação”. E Joana enfatiza, as aulas “são interessantes, a professora busca uma participação de toda turma [mas gostaria] que não houvesse uma obrigação de ‘participar’ só tendo uma certa pontuação quem se expressa na sala. Não acho isso muito certo”.

Liz acha as aulas dinâmicas e gostaria que permanecesse assim.

Júlia diz que as aulas de filosofia são “bem ruins [...] sempre envolvem slides chatos, discursões completamente padronizadas [...], eu acho que nunca tive uma aula realmente interessante de filosofia [...] eu gosto mais quando eu leio sozinha em casa do que em aulas”. Ela acha que uma aula de filosofia deveria ser mais “dinâmica e filosófica realmente (debates?)” (grifos de Júlia).

A partir do que foi relatado pelas meninas confirmamos a nossa primeira hipótese, os sentidos homogêneos em relação à filosofia focando aspectos mais concretos e próximos ao cotidiano advém, em parte, da metodologia utilizada pela professora em sala de aula, principalmente com as apresentações de seminários. Durante o nosso período de observação, por exemplo, cujo tema trabalhado foi ética cada grupo escolheu uma aplicação da ética para trabalhar de forma fundamentada na perspectiva de algum filósofo. Houve apresentação dos seguintes temas: ética no meio ambiente, ética na saúde, ética na justiça e ética na política.

Realmente as estudantes demonstraram, durante a nossa observação, uma ótima capacidade de reflexão sobre as temáticas apresentadas durante os seminários, tendo a Filosofia como fundamentação. Apesar de não ser uma metodologia que agrada a todas, pois



Manu, Joana e Liz demonstraram estarem satisfeitas com essa metodologia, ao contrário de Laura que tem ressalvas uma vez que a abordagem do conteúdo apresentado fica a mercê da equipe que pode apresentar um bom trabalho ou não, o fato é que essa metodologia aproxima a Filosofia com a vida concreta.

O que observamos é que o trabalho por temas abordado pela professora não aborda todas as suas etapas, na concepção de Gallo (2007) as aulas trabalhadas por temas devem ser realizadas dentro de algumas etapas em que a atuação do professor é fundamental:

[Sensibilização] Trata-se, nesta primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema “afete” os estudantes. [...] [Problematização] Trata-se de transformar o tema em problema, isto é, fazer com que ele suscite em cada um o desejo de buscar soluções. [...] [Investigação] Nesta etapa da investigação, revisitamos a história da filosofia. [...] [Conceituação] Trata-se de recriar os conceitos encontrados de modo que equacionem o nosso problema, ou mesmo de criar novos conceitos (p. 27-30, grifos do autor).

Neste caso em estudo a professora assume o papel exclusivo de avaliadora, se ausentando das demais etapas do processo, ficando a mercê dos estudantes a escolha do tema, pesquisa e apresentação de resultados, no IFBA essa postura da professora não causou nenhum prejuízo em decorrência da maturidade intelectual das estudantes, em outras escolas públicas essa dinâmica provavelmente não daria o mesmo resultado.

Beatriz e Ana reclamam uma aula de Filosofia que as preparem para o ingresso no ensino superior, com estudo de conteúdos e resoluções de questões que caem nos vestibulares e no Enem. Essas falas revelam o que aponta a pesquisa de Zacchi e Ney (2017), que por ser um seguimento educacional elitizado, quem ingressa nos Institutos Federais de Educação e Tecnologia – IFETs, geralmente filhos de famílias mais abastadas, veem na infraestrutura oferecida nestas instituições as condições objetivas para se prepararem para o ingresso aos cursos de nível superior.

Nesse sentido, a Filosofia é só mais uma disciplina a ser estudada porque será cobrada nestas seleções, uma vez que Beatriz revelou que não tem preocupação em envolver-se com a Filosofia e Ana afirma que o seu envolvimento com a mesma é pouco. Conforme Rodrigo (2007) para que a Filosofia e seus conteúdos se tornem significativos para os estudantes é necessário que “eles se inscrevam numa busca pessoal do sentido da vida e das coisas” (p. 45), por isso a importância das etapas elaboradas por Gallo (2007) que elencamos acima.

Manu e Joana reclamam da obrigação de falar para obter nota. Observamos que essa é uma estratégia utilizada pela professora para forçar a participação das estudantes nas aulas,



mesmo assim nem todas participam. Geralmente, ela pede a uma “assistente” para ficar anotando o nome de quem participa durante as aulas, essa é uma metodologia que não agrada a todas, principalmente uma estudante que é surda e nos revelou que não gosta quando a aula é muito oral, ela se perde muito, preferindo aulas mais visuais.

Além da participação, as atividades nos cadernos também são avaliadas, tudo passa pelo crivo da avaliação. Entendemos que essa seja uma maneira que a professora encontrou para elevar a importância da Filosofia em relação as outras disciplinas, porém, conforme nos confiou Júlia, essa metodologia faz com que a disciplina perca totalmente o seu propósito e, conforme Gallo (2007), a aula se torna uma aula “desfilosofante”, quando perde o desenvolvimento da experiência filosófica como prática do pensamento.

Além do mais, para Libâneo (1994), a avaliação deve ter como propósito o acompanhamento do processo de desenvolvimento da aprendizagem do estudante, constatando os progressos e as dificuldades, cabendo ao professor reorientar o estudante para que ele supere suas dificuldades. A avaliação não pode se resumir, portanto, a atribuição de notas, mas sim possuir uma função diagnóstica, qualquer outra finalidade como controle da classe, punição, classificação dos estudantes a avaliação torna-se um equívoco e acaba legitimando a concorrência entre os próprios estudantes e a Filosofia como mais uma disciplina que será cobrada do vestibular ou no Enem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do nosso estudo, compreendemos que os sentidos atribuídos à Filosofia pelas estudantes vêm em grande parte do próprio ensino da Filosofia, nesse sentido a professora e a sua didática possuem uma importância fundamental nesse processo. Desse modo, não apenas o que se ensina na Filosofia, mas também o “como se ensina” influenciará no modo como ela se estabelece na vida de cada um, mesmo que a metodologia não agrada a todos da mesma forma, ela acaba tocando a todos e isso foi visível nas respostas das estudantes.

Talvez o grande desafio seja o professor abrir mão de metodologias controladoras para legitimar a importância da disciplina, ou seja, mostrar que a disciplina é importante por si mesma e não por que suas atividades valem nota. Que se estabeleça uma avaliação que acompanhe o processo e o desempenho de cada estudante ao invés de quantificar as suas participações.

Importante ressaltarmos que mesmo estas estudantes evidenciarem clareza quanto a importância da filosofia em suas vidas e no cotidiano de um modo geral, isso não reflete o que



pensam os demais estudantes de outras escolas públicas que muitas vezes não veem claramente as contribuições da filosofia. Neste trabalho estamos falando de uma amostragem que vem de um contexto que foge a regra das demais escolas públicas, onde os professores encontram estudantes que já passaram por uma seleção e são bem mais motivados. Nesse sentido, conforme observações em outras instituições, a metodologia do professor precisa realmente chamar à atenção dos estudantes para a filosofia de um modo bem mais eficaz, o que não quer dizer que isso realmente aconteça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Yuri César de Moura. Introdução ao problema do método: ensinando filosofia no ensino médio. **Revista Lampejo**, vol. 5, n. 2, fev., 2017, p. 83-91.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: SILVEIRA, Renê J. T.; GOTO, Roberto (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**: temas, problemas e propostas. São Paulo: Loyola, 2007, p. 15-36.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MONT'ALVÃO, Arnaldo. Diferenciação institucional e desigualdade no ensino superior. **RBCS**, nº 88, vol., 30, junho, 2015, p. 129-145.

RODRIGO, Lídia Maria. Uma alternativa para o ensino de filosofia no nível médio. In: SILVEIRA, Renê J. T.; GOTO, Roberto (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**: temas, problemas e propostas. São Paulo: Loyola, 2007, p. 37-51.

ZACCHI, Raquel Gallegario; NEY, Marlon Gomes. Desigualdades educacionais entre as escolas públicas brasileiras: um estudo comparativo a partir do Enem. **Teoria e Sociedade**, nº 25.1, 2017, p. 82-117.